

SBNp news

A NEWSLETTER OFICIAL
DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
NEUROPSICOLOGIA

MARÇO 2026



A capa da SBNp News de março é dedicada ao Purple Day, o Dia Mundial de Conscientização sobre a Epilepsia, celebrado em 26 de março.

SBNp news

A NEWSLETTER
OFICIAL DA SBNp



04

Dicas de especialistas:
Comunicação eficaz com
profissionais de saúde na avaliação

06

Clínica baseada em evidências:
Funções executivas, abordagens
pedagógicas e aprendizado
matemático

08

Dicas de leituras:
Depressão na infância

10

Divulgações em neuropsicologia:
Principais Eventos em
Neuropsicologia em 2025

12

Por dentro da SBNp:
Conheça o trabalho da SBNp
Jovem

MARÇO | 2026



NOSSA EQUIPE DE EDITORES

ISABELA HELSDINGEN | EDITORA CHEFE



THAYS TANNURE | EDITORA ASSISTENTE

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOLOGIA

Presidente

Beatriz Bittencourt Granjo

Vice-presidente

Maicon Rodrigues Albuquerque

Secretaria

Giulia Moreira Paiva

Tesouraria

Annelise Júlio-Costa

Conselho Deliberativo

Natália Martins Dias

Ana Luiza Rodrigues da Costa

Rodrigo Flores Sartori

Antônio Geraldo da Silva

Conselho Fiscal

Caroline Cardoso

Mônica de Souza Kerr

Comitê científico

Rochele Paz Fonseca

Tatiana Pontrelli Mecca

Camila Barbosa Riccardi León

Brazilian Neuropsychological Academy (ABNp)

Leandro Malloy Diniz

Deborah Azambuja

SBNp JOVEM

Presidente

Victoria Guinle

Vice-presidente

Caetano Schmidt Gundlach Knop

Máximo

Secretaria

João Victor Messias

Gabriella Polazzi

Equipe editorial

Isabela Helsdingen Espezin

Thays Tennure

EXPEDIENTE DO SBNp NEWS

Editor chefe

Isabela Helsdingen Espezin

Editora assistente

Thays Tannure

Amanda Gorziza

Projeto Gráfico e Editoração

Victoria Guinle

Comitê de apoio SBNp Jovem selecionados pelo Edital

Aline Busch Czarnobai

Amanda Douat Cardoso

Amanda Gorziza da Silva

Ana Carolina Cândida Maia Ferreira

Anáthia Pereira dos Santos

Clara de Paula Gomes

Claudio Sausen Mallmann

Evellyn Millene Alves Camelo

Joana D' arc Oliveira de Mendonça

Lys Malloy-Diniz

Maithe Thomé da Cruz Bunn

Milena Groetares Rosa

ESTABELECENDO UMA COMUNICAÇÃO EFICAZ COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA AVALIAÇÃO

Ana Carolina Cândida Maia Ferreira e Aline Busch Czarnobai

A avaliação neuropsicológica frequentemente envolve a atuação conjunta de diferentes profissionais da saúde. Nesse contexto, a comunicação entre o neuropsicólogo, médicos e outros profissionais responsáveis pelo acompanhamento do paciente assume um papel central desde o início do processo avaliativo. Para tratar do tema, entrevistamos Victoria Guinle, psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestre e doutoranda em Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina da UFMG e atual presidente do Comitê Jovem da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia. A seguir, apresentamos as **dicas fundamentais destacadas por Victoria que favorecem a comunicação interdisciplinar**:

#1. Se mostre presente desde o início da avaliação.

Quando o paciente chega para avaliação, seja por encaminhamento de outro profissional ou por demanda própria, é importante que o neuropsicólogo busque ativamente o profissional responsável por aquele paciente e informe que a avaliação foi iniciada. Comunicar ao médico ou profissional encaminhador que o paciente está em avaliação transmite a ideia de envolvimento e demonstra que o neuropsicólogo se importa com a opinião desse profissional. Nesse primeiro contato, é relevante não apenas informar o início do processo, mas também sinalizar que, ao longo da avaliação, o neuropsicólogo poderá manter contato, caso o profissional se sinta confortável com isso, oferecendo atualizações e realizando perguntas que possam contribuir para o caso. Esse contato inicial funciona como uma forma de posicionamento profissional e de demonstração de interesse em uma atuação conjunta.



#2 Alinhe as expectativas e compreenda o objetivo do encaminhamento.

A troca de informações com médicos e outros profissionais ao longo da avaliação contribui para compreender melhor a demanda clínica e esclarecer o motivo do encaminhamento. Nesse sentido, nota-se a importância de perguntar qual é o objetivo do encaminhamento avaliação neuropsicológica e quais são as perguntas que o profissional espera que sejam respondidas ao final do processo avaliativo. Também é fundamental investigar quais hipóteses diagnósticas já estão em aberto, quais os motivos dessas hipóteses e o que tem sido observado ao longo do tempo pelo(s) profissional (ais) que possa ter contribuído para essas suspeitas.



Entender o que ainda precisa ser esclarecido por meio da avaliação permite que o neuropsicólogo ofereça um serviço mais alinhado às necessidades do profissional que encaminhou o paciente. Esse contato deve ser feito de forma estratégica, com uma postura humilde e respeitosa, considerando que o tempo do outro profissional pode ser limitado.

#3: Mantenha o diálogo interdisciplinar durante o processo

A interlocução interdisciplinar não se restringe ao início do processo ou à entrega do laudo. Durante a avaliação, podem surgir informações clínicas novas, divergências de dados ou necessidade de examinar hipóteses com maior precisão. Nesses momentos, o neuropsicólogo deve retomar o contato de forma direcionada, delimitando o ponto específico a ser discutido e indicando a pertinência técnica da troca. A comunicação precisa ser objetiva, fundamentada em dados e conduzida com clareza quanto à finalidade do contato. Integrar informações provenientes de outros profissionais durante o processo de avaliação qualifica a análise e amplia a consistência do raciocínio clínico, sem comprometer a autonomia técnica. Trata-se de uma prática que evidencia o rigor metodológico e reforça o cuidado ao paciente.

#4: Maneje a discordância com postura colaborativa

Em equipes interdisciplinares, é possível que surjam divergências ao longo da avaliação. Quando isso ocorrer, o mais adequado é compreender quais fundamentos sustentam a posição apresentada pelo outro profissional. Perguntar de forma direta quais dados, observações ou critérios embasam determinada hipótese ajuda a organizar o diálogo e mantém a discussão no campo técnico, evitando interpretações pessoais. Divergências, nesse contexto, podem revelar lacunas na análise, variáveis ainda não consideradas ou pontos que precisam ser melhor esclarecidos. Após examinar os argumentos apresentados, o neuropsicólogo deve expor sua conclusão com clareza, indicando os dados que a sustentam e reconhecendo eventuais limites da avaliação. Manter abertura para revisar entendimentos diante de novos elementos demonstra maturidade profissional. Essa postura favorece o diálogo respeitoso, reduz conflitos improdutivos e contribui para decisões mais consistentes.

#5: Comunique os achados de forma técnica e acessível

A comunicação técnica e acessível dos achados requer que os critérios adotados sejam explicitados e que o alcance das interpretações esteja claramente delimitado, a fim de reduzir leituras equivocadas por parte da equipe. A linguagem deve permanecer técnica e clara, permitindo que diferentes profissionais da saúde compreendam os dados apresentados sem distorções. Por essa razão, as intervenções indicadas precisam estar diretamente vinculadas aos resultados obtidos e, quando pertinente, incluir encaminhamentos multidisciplinares ou consulta interdisciplinar. Desse modo, o laudo comunica resultados, sustenta o posicionamento profissional e demonstra reconhecimento do trabalho conjunto no cuidado ao paciente. Quando o raciocínio é exposto de forma objetiva e coerente, a comunicação entre as áreas torna-se mais fluida e consistente. Para que isso se concretize, o diálogo técnico deve aparecer com clareza no documento final. O laudo precisa apresentar, de forma estruturada, o perfil cognitivo e funcional do paciente, indicar necessidades de intervenção e expor, de maneira fundamentada, o raciocínio que sustenta a conclusão.

Considerações finais

Em contextos clínicos cada vez mais complexos, nos quais hipóteses diagnósticas são construídas a partir de múltiplas fontes de informação, a qualidade da interlocução técnica influencia diretamente a precisão das conclusões e a adequação das condutas propostas. Estabelecer diálogo desde o início, alinhar expectativas, sustentar divergências no campo dos dados e apresentar achados de forma clara e fundamentada é uma exigência ética e metodológica. Ao qualificar a comunicação, qualifica-se também o cuidado: decisões tornam-se mais consistentes, interpretações menos vulneráveis a equívocos e o trabalho interdisciplinar passa a operar de modo efetivamente integrado em favor do paciente.

RELAÇÃO ENTRE FUNÇÕES EXECUTIVAS, ABORDAGENS PEDAGÓGICAS E APRENDIZADO DA MATEMÁTICA EM CRIANÇAS EM IDADE PRÉ ESCOLARES

Clara de Paula Gomes e Anathia Pereira

No aprendizado da matemática as funções executivas têm sido apontadas como preditoras do desempenho em crianças de idade pré-escolar e escolar. Além da capacidade cognitiva de cada criança, a abordagem de ensino utilizada apresenta impacto importante na aprendizagem do conteúdo. De acordo com o modelo proposto por Miyake e colegas (2000) e posteriormente modificado por Diamond (2012), às funções executivas (FE) constituem um conjunto de processos cognitivos que orientam o comportamento na resolução de problemas e na adaptação a novas demandas. Essas funções organizam-se em três componentes principais: a memória de trabalho (capacidade de armazenar informações enquanto realiza demandas cognitivas), a flexibilidade cognitiva (focar a atenção em um objetivo ou alternar entre vários deles) e o controle inibitório (capacidade de inibir resposta dominante ou automática).

No contexto escolar, a relação da capacidade cognitiva das crianças com o desempenho acadêmico já vem sendo indicada na literatura (Bull et al. 2008; Kyttala et al. 2003; Pogozhina, 2018; McLean & Hitch, 1999). Mas a forma como se relacionam e o impacto que as abordagens de ensino possuem nesses diferentes perfis ainda não está muito claro. Especificamente no que se refere às FE, torna-se necessário aprofundar a compreensão sobre como diferentes abordagens pedagógicas se relacionam com o funcionamento executivo de cada criança, considerando que essas capacidades integram um conjunto mais amplo de processos cognitivos que sustentam a aprendizagem. Nesse cenário, o estudo conduzido por Elena Veraksa e colaboradores, intitulado “Funções Executivas e Aprendizagem Matemática na Educação Infantil: O Papel da Abordagem Pedagógica”, investigou como diferentes métodos de ensino da matemática podem influenciar o desempenho de crianças com diferentes perfis de funções executivas. A seguir, apresentamos os principais achados do estudo e suas implicações para a prática educacional e para a compreensão do papel das funções executivas na aprendizagem matemática.

No estudo, participaram 100 crianças de 6 e 7 anos distribuídas em três grupos conforme o desempenho em tarefas que avaliam funções executivas. Esses desempenhos foram organizados em perfis de funcionamento executivo, baixo, médio e alto, considerando o nível de desempenho das crianças nessas tarefas. A partir dessa classificação e das abordagens pedagógicas, foram formados 9 grupos de trabalho. Foi realizado um pré-teste para avaliar o conhecimento prévio das crianças, seguido da intervenção e de uma avaliação após uma semana e outra após um mês. As abordagens de ensino foram baseadas no conceito de zonas do desenvolvimento de Vygotsky. Foram aplicadas três metodologias: tradicional, contextual e modelação. No modelo contextual o conteúdo é introduzido por meio de uma narrativa ou história. Já na abordagem tradicional, ocorre a apresentação direta do conteúdo e, na modelação as crianças aprendem de forma mais ativa, construindo, manipulando e testando estratégias.

Todas as crianças apresentaram aprendizagem na abordagem tradicional, porém com desempenhos distintos nas demais metodologias. Crianças com maior nível de funcionamento executivo se beneficiaram mais da metodologia de modelação, enquanto crianças com menor nível de funcionamento executivo apresentaram melhor desempenho na abordagem contextual. Apesar de se observar uma tendência de associação positiva entre o tipo de abordagem pedagógica e o perfil de funções executivas, os resultados não alcançaram significância estatística.

Os achados também indicam que o desenvolvimento das funções executivas se relaciona ao desempenho na aprendizagem de matemática. Assim, capacidades de inibição, flexibilidade e memória de curto prazo parecem manter uma relação mais próxima no aprendizado da matemática. Além disso, os autores destacaram que outras variáveis importantes podem afetar o processo de ensino-aprendizado como a inserção de processos mais ativos e brincadeiras para além das aulas expositivas. Nesse sentido, atividades de resolução de problemas em grupo e jogos se mostram uma estratégia em destaque para o desenvolvimento cognitivo e aprendizado.

Dessa forma, compreender a interface entre FE e abordagens de ensino pode apresentar efeitos práticos importantes como adaptações de técnicas pedagógicas. Intervenções neuropsicológicas e psicopedagógicas também se beneficiam desses achados. Portanto, a adaptação da abordagem em intervenções se mostra necessária e precisa ser realizada de maneira individualizada e baseada em evidências.

Referências

- (1) Miyake, A.; Friedman, N.P.; Emerson, M.J.; Witzki, A.H.; Howerter, A.; Wager, T. The unity and diversity of executive functions and their contributions to complex “frontal lobe” tasks: A latent variable analysis. *Cogn. Psychol.* 2000, 41, 49–100
- (2) Diamond, A. Executive functions. *Annu. Rev. Psychol.* 2012, 64, 135–154.
- (3) Bull, R.; Espy, K.A.; Wiebe, S.A. Short-term memory, working memory, and executive functioning in preschoolers: Longitudinal predictors of mathematical achievement at age 7 years. *Dev. Neuropsychol.* 2008, 33, 205–228
- (4) Kytälä, M.; Aunio, P.; Lehto, J.E.; Van Luit, J.; Hautamäki, J. Visuospatial working memory and early numeracy. *Educ. Child Psychol.* 2003, 20, 65–76.
- (5) McLean, J.F.; Hitch, G.J. Working memory impairments in children with specific arithmetic learning difficulties. *J. Exp. Child Psychol.* 1999, 74, 240–260
- (6) Pogozhina, I.N. Specific Features of the Relationships between Operational Structures within Preschoolers’
- (7) Systems of Tough. *Psychol. Russ. State Art* 2018, 3, 183–194.
- (8) VERAкса, Aleksander N. et al. Assessing the effectiveness of differentiated instructional approaches for teaching math to preschoolers with different levels of executive functions. *Education Sciences*, v. 10, n. 7, p. 181, 2020.



MATERIAIS SOBRE DEPRESSÃO INFANTIL

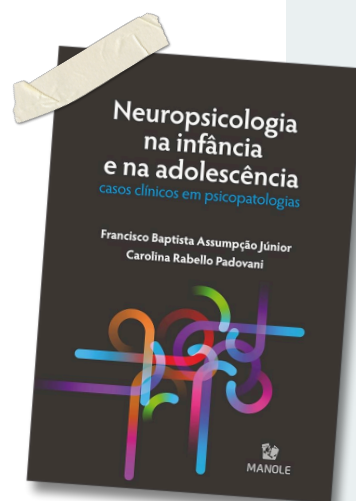
Maithe Bunn e Milena Groetares

Os sintomas depressivos na infância são frequentemente despercebidos ou confundidos com dificuldades comportamentais, fases transitórias do desenvolvimento infantil ou, ainda, sobrepostos a manifestações de outros transtornos, como desatenção e irritabilidade (1;2). Trazer à luz a semiologia da depressão infantil, bem como compreender de que maneira esse transtorno pode impactar o funcionamento cognitivo, a aprendizagem e a adaptação social da criança é fundamental para que profissionais e cuidadores reconheçam precocemente esses sinais e promovam intervenções eficazes. Pensando nisso, reunimos algumas obras sobre depressão infantil voltadas a profissionais, famílias e que também podem ser usadas com crianças.

#1. Neuropsicologia na Infância e na Adolescência

(Casos Clínicos em Psicopatologias - Carolina Rabello Padovani, Francisco Baptista Assumpção Júnior, Editora Manole, 2021, Capítulo 17.)

A obra é voltada a neuropsicólogos que atuam com crianças e adolescentes e apresenta, em sua Parte I, um panorama geral da neuropsicologia aplicada a esse público, abordando aspectos relacionados à psicopatologia, avaliação e diagnóstico. Na Parte II, os autores descrevem relatos clínicos de pacientes infantojuvenis por meio da apresentação de dados de testagem neuropsicológica, história clínica e queixa atual, favorecendo o desenvolvimento do raciocínio clínico do leitor. No Capítulo 17 são discutidos os transtornos depressivos, com a apresentação de um resumo teórico sobre essa condição na infância, seguido da descrição de um caso clínico de avaliação neuropsicológica, no qual são evidenciados prejuízos cognitivos associados à depressão na infância. Esse aspecto constitui um diferencial relevante da obra que contribui de forma significativa para o desenvolvimento do olhar clínico de profissionais que atuam com avaliação neuropsicológica.

**#2. Psicopatologia da Infância e da Adolescência**

(Jean E. Dumas, Editora Artmed, 2011, Capítulo 8.)

Psicopatologia da Infância e da Adolescência é uma obra clássica para profissionais que atuam com esse público. No Capítulo 8 os autores abordam os transtornos do humor e elucidam de forma técnica e robusta os aspectos sociais, históricos e neurobiológicos envolvidos em condições como a depressão maior, a distímia e a bipolaridade em crianças e adolescentes. O diferencial do texto reside na ampla gama de informações apresentadas, com a discussão de diferentes abordagens psicológicas, diagnóstico diferencial e a associação desses transtornos com o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Apesar de fundamentada no DSM-IV, atualmente desatualizado, a obra mantém-se pertinente e relevante para a prática clínica, sobretudo no que se refere à compreensão psicopatológica e ao raciocínio diagnóstico.



#3. Compreendendo a Depressão Infantil

(Evely Boruchovitch e Miriam Cruvinel. Editora Vozes, 2014.)

Esta obra oferece uma compreensão aprofundada sobre a depressão na infância, abordando suas manifestações, fatores associados e impactos no desenvolvimento infantil. Os capítulos destacam a importância do reconhecimento precoce dos sinais depressivos e de uma avaliação cuidadosa, considerando as especificidades emocionais, cognitivas e contextuais da criança. Ao articular fundamentos teóricos e evidências da prática clínica e educacional, o livro apresenta subsídios importantes para a identificação e o manejo da depressão infantil, podendo ser destinado a famílias que buscam compreender manifestações iniciais do transtorno. Além disso, beneficiam-se da obra psicólogos, educadores, profissionais da saúde e interessados em promover intervenções mais eficazes e humanizadas, contribuindo para o bem-estar emocional e o desenvolvimento saudável das crianças.



#4. Posso ser Feliz: Vencendo a Depressão na Infância

(Aline Niemeyer. Editora Synopsys, 2022.)



Psicopatologia da Infância e da Adolescência é uma obra clássica para profissionais que atuam com esse público. No Capítulo 8 os autores abordam os transtornos do humor e elucidam de forma técnica e robusta os aspectos sociais, históricos e neurobiológicos envolvidos em condições como a depressão maior, a distímia e a bipolaridade em crianças e adolescentes. O diferencial do texto reside na ampla gama de informações apresentadas, com a discussão de diferentes abordagens psicológicas, diagnóstico diferencial e a associação desses transtornos com o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Apesar de fundamentada no DSM-IV, atualmente desatualizado, a obra mantém-se pertinente e relevante para a prática clínica, sobretudo no que se refere à compreensão psicopatológica e ao raciocínio diagnóstico.

#5. A Ovelha Mal E O Lobo Bem: Entendendo A Depressão Infantil

(Vanina Cartaxo, Editora Sinopsys, 2015.)

O livro, voltado para crianças de 6 a 10 anos de idade, aborda, por meio da metáfora da Ovelha Mal e o Lobo Bem, sintomas comuns da depressão infantil, facilitando a compreensão da criança acerca dos aspectos cognitivos e comportamentais desse transtorno do humor. Além disso, a obra inclui atividades lúdicas estruturadas, por meio das quais a criança não apenas recebe o conteúdo de forma passiva, mas interage ativamente com o material apresentado, sendo estimulada a refletir sobre estratégias para lidar e superar essa condição. Trata-se de um excelente instrumento de psicoeducação e intervenção sobre a depressão na prática clínica infantil.



Referências

- (1) VIANA, L. P. L. (2026). Depressão infantil e sua inserção na atualidade: uma revisão de literatura.
 (2) BRUNSVOLD, G. L. et al. (2020). Comorbid Depression and ADHD in Children and Adolescents.

PRINCIPAIS EVENTOS DE NEUROPSICOLOGIA PRIMEIRO SEMESTRE DE 2026

Amanda Douat Cardoso e João Victor Messias

Se tem algo que marca a Neuropsicologia como campo vivo, é o movimento. A cada ano, novos estudos, novas perguntas e, principalmente, novos encontros vão redesenhando a forma como pensamos, avaliamos e intervimos. E é justamente nesses espaços de troca que a ciência deixa de ser apenas conteúdo e passa a ser experiência.

A agenda de divulgação de eventos de 2026 com a temática da neuropsicologia foi construída com esse espírito: promover encontros que não apenas atualizam, mas provocam. Que não apenas informam, mas transformam a prática clínica, educacional e científica.

Esperamos que você encontre nesta agenda oportunidades de se aproximar, desenvolver e atuar em uma prática baseada em evidências.



Integra - Congresso Brasileiro de Reabilitação e Inclusão

Data: 14 a 16 de maio

Local: São Paulo, SP

Modalidade: Presencial

Público-alvo: Profissionais da saúde e educação.

Mais informações em:

<https://integracongresso.com.br/>

BRAIN - Congress on Brain Behavior and Emotions 2026

Data: 03 a 06 de junho

Local: Porto Alegre/RS

Modalidade: Presencial

Mais informações em:

<https://braincongress.com.br/brain2026>



International Neuropsychology Society



Data: 22 a 24 de julho

Local: Dublin, Irlanda

Modalidade: Presencial

Tema: "Neuropsychology Without Limits: Expanding Horizons"

Destaque: O evento reunirá contribuições internacionais sobre diagnóstico, avaliação e reabilitação ao longo do ciclo de vida, com destaque para os desafios das tecnologias e para o papel da neuropsicologia na promoção da equidade e da inclusão entre diferentes contextos culturais, sociais e populacionais.

Mais informações em: <https://insdublin2026.com/>

SPOILER PARA O PRÓXIMO SEMESTRE !



SAVE THE
DATE!

Mais informações em: <https://sbnpbrasil.com.br/congresso2026/inscricoes>

Se você está organizando um evento na área e deseja apoio e divulgação da SBNp, queremos ouvir você. Acesse a bio do nosso Instagram e entre em contato conosco.

CONHEÇA O TRABALHO DA SBNp JOVEM

Isabela Espezin Helsdingen

Conheça o braço jovem da SBNp!

A SBNp Jovem é uma comissão da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp), formada por profissionais recém-formados e estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes regiões do Brasil. Idealizada pelo professor Leandro Fernandes Malloy-Diniz, em 2013, a comissão surgiu com o objetivo de fortalecer a formação científica e profissional das novas gerações de neuropsicólogos, promovendo também a integração entre pesquisa, prática clínica e divulgação científica.

Desde sua criação, a SBNp Jovem tornou-se um importante espaço de formação e articulação para jovens pesquisadores. Ao longo dos anos, a comissão contou com a participação de diversos profissionais que posteriormente passaram a integrar a diretoria da própria SBNp, como Annelise Júlio Costa e Laís Bertola, respectivamente presidente e vice-presidente da gestão 2023–2025 da Sociedade.

Entre suas principais atividades estão o incentivo à formação de novos neuropsicólogos, o apoio à produção científica e à divulgação do conhecimento, bem como a organização de iniciativas acadêmicas e científicas voltadas à comunidade. A cada gestão, novos projetos ganham forma, sempre alinhados ao compromisso com a ciência, a ética e a inovação na neuropsicologia.

Sua estrutura acompanha o calendário eleitoral da SBNp, com mandatos de dois anos. A coordenação executiva é composta por seis cargos principais: Presidência, Vice-Presidência, Editor-Chefe, Editor Assistente, Secretário da ABNp e Secretário Geral. Esses membros são responsáveis pela liderança institucional da comissão, pela organização de projetos científicos e educacionais, pela comunicação com a comunidade científica e pela coordenação das publicações e iniciativas de divulgação da SBNp Jovem.

Além da coordenação executiva, a SBNp Jovem conta também com membros operacionais, organizados em uma comissão de apoio, composta por estudantes e jovens profissionais de diferentes instituições de ensino e pesquisa do país. Esses membros colaboram diretamente na execução das atividades da comissão, contribuindo com iniciativas de divulgação científica, organização de eventos, produção de conteúdo e apoio aos projetos desenvolvidos pela SBNp Jovem.

Conheça, na próxima página, os membros que compõem a diretoria vigente desta nova gestão (2026-2027).

A presidência é ocupada por Victoria Guinle (PUC-RJ/UFMG), cuja trajetória em neuropsicologia do desenvolvimento e prontidão escolar se destaca pela articulação entre pesquisa e prática. Ao lado de Victoria, na vice-presidência está Caetano Schmidt Gundlach Knop Máximo (USP/HCFMUSP), conhecido, nos bastidores, como quem também exerce o cargo “extraoficial” de “executivo central da SBNp Jovem”. Aqui vale um destaque: Victoria e Caetano entraram juntos na SBNp Jovem ainda em 2021, por meio do edital do comitê de apoio. Na época, atuavam em grupos de trabalho lado a lado. Hoje, seguem juntos, agora na condução da comissão, com uma visão compartilhada acerca da potência e da promoção de desenvolvimento na SBNp Jovem.

À frente do SBNp News, está Isabela Helsdingen (UFSC), pesquisadora em Neuropsicologia Cognitiva e Escolar. Sua trajetória dentro da SBNp Jovem também iniciou como membro de apoio, e hoje assume a editoria-chefe. Como destaque, durante o período em que ocupou a comissão de apoio, ao invés de escrever uma coluna sobre Alan Baddeley, para a qual foi designada, Isabela propôs algo um pouco mais ousado: uma entrevista com ele. O resultado foi uma entrevista inédita com um dos maiores nomes da psicologia cognitiva, aos 94 anos, mostrando, na prática, o que significa transformar iniciativa em impacto.

A editora-assistente, Thays Tannure (PUC-MG), atua com avaliação neuropsicológica e psicoterapia na abordagem da Análise do Comportamento. Thays é uma das grandes autoras do material de excelência “Leve para Quem”, livro já aqui recomendado para prática e pesquisa acerca do Transtorno do Espectro Autista. Sua atuação na comissão combina organização editorial com criatividade, contribuindo para dar fluidez e identidade às produções do boletim.

O secretário-geral, João Victor Messias (UNIFESP/FMABC), traz uma formação que traduz um valor importante da SBNp: a interdisciplinaridade. Terapeuta ocupacional e também em formação em Fonoaudiologia, sua atuação reforça o compromisso da neuropsicologia com uma abordagem múltipla e integrada do cuidado.

Completando a equipe, Gabriella Polazzi, secretária da Academia Brasileira de Neuropsicologia (ABNp) e membro do LAPSIMN (UFMG), atua como ponte entre a Academia e a SBNp Jovem. Entre reuniões, projetos e articulações institucionais, ainda encontra tempo para manter uma rotina de estudos e exercícios que já rendeu entre os colegas o título informal de “exemplo de reserva cognitiva”, equilibrando ciência, disciplina e consistência.



Victoria Guinle



Caetano Máximo



Isabela Helsdingen



Thays Tannure



João Victor M.



Gabriella Polazzi

A nova gestão da SBNp Jovem reafirma o compromisso com a formação científica, a integração entre estudantes e profissionais e a disseminação do conhecimento em neuropsicologia. Por meio de suas atividades, a comissão busca fortalecer o diálogo entre pesquisa e prática, ampliar a participação de jovens pesquisadores na comunidade científica e contribuir para o desenvolvimento contínuo da neuropsicologia no Brasil.

Nos próximos meses, novas iniciativas, eventos e conteúdos serão divulgados pela comissão, reforçando o papel da SBNp Jovem como um espaço de colaboração, aprendizado e inovação para as novas gerações da neuropsicologia brasileira. Fique atento às novidades!



**Você participa de algum
projeto em Neuropsicologia?
Seja nosso parceiro!**



Se você participa de alguma liga acadêmica, acesse:

<https://forms.gle/FC8hfE4dnVBno6bw9>

**Se você participa de grupos de pesquisa, projetos
de extensão, formação e ambulatórios , acesse:**

<https://forms.gle/14fp7QDr7UCtuat69>





@sbnp_brasil
sbnp@sbnpbrasil.com.br
www.sbnpbrasil.com.br